



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A CAPITAL DO PIAUÍ NA DÉCADA DE 1970: TERESINA SONHADA, CONSTRUÍDA E VIVIDA PELOS POBRES URBANOS

Karlene Sayanne Ferreira Araújo*

Francisco Alcides do Nascimento (Orientador)**

1

O presente artigo retrata Teresina sonhada, construída e vivida pelos pobres urbanos, na década de 1970. Embora a cidade esteja dividida didaticamente em três partes é pertinente salientar que elas são vividas concomitantemente, as três cidades experienciadas pelos atores sociais de baixo poder econômico fundem-se em uma só, existem uma paralela a outra.

* Graduada do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí UFPI. Bolsista do Programa de Educação Tutorial Pet História, desde 2009. Integrante do projeto: Sentimento e (re) sentimentos dos pobres urbanos em Teresina na década de 1970 do século XX .

** Concluiu o doutorado em historia pela universidade federal de Pernambuco em 1999. Atualmente é professor associado III da universidade federal do Piauí. Publicou artigos em periódicos especializados , trabalhos em anais de eventos, capítulos de livros e livros. Possui inúmeros itens de produção técnica. Participou e organizou eventos no brasil. Orientou tese, dissertações de mestrado, trabalhos de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso na área de historia. Recebeu 1 premio e/ou homenagem. Coordenou/coordena projetos de pesquisa. Atua na área de historia, com ênfase em historia do Brasil republica. Em suas atividades profissionais interagiu/interage com muitos colaboradores em coautorias de trabalhos científicos. Em seu currículo Lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artistico-cultural são: historia, memória, cidade, anticomunismo, discurso, formação cultural, ideário cristão, igreja católica, jornal e oralidade.

A cidade sonhada, onde se almejavam melhores condições de vida. Os sonhos do progresso, de que a capital estava crescendo, que teria escola, saúde, emprego e moradia para todos que viessem morar em Teresina. A cidade construída, aquela que os pobres urbanos ajudaram a erguer com muito suor, desde as construções de suas próprias casas até as obras grandiosas do período. E, por fim, a cidade vivida, a cidade relegada às margens, sem apoio básico de sobrevivência para muitas famílias. Essa última cidade é a do cotidiano, são as experiências vivenciadas nas franjas da cidade.

Na construção dessa narrativa há uma aliança entre as fontes hemerográficas, mensagens governamentais e fontes orais. Os jornais O Dia, O Estado, O Estado do Piauí, Correio do Povo e Jornal do Piauí que circularam na cidade durante o tempo recortado pela pesquisa, me permitiram perceber os recorrentes discursos da imprensa sobre as mudanças físicas e sobre o cotidiano da cidade. Ainda foram empregadas Mensagens governamentais entre os anos de 1970 e 1979 e as mensagens a Câmara Municipal, estas fontes oficiais deram conta das ações públicas e o que foi desenvolvido na capital. Emprega-se também, a metodologia da História Oral visando uma maior aproximação com os pobres urbanos. Nesse último conjunto de fontes analisa-se entrevistas realizadas com moradores da periferia sobre as trajetórias de vida dos mesmos.¹

Os discursos de progresso propagado pela imprensa e pelos governantes atraíram muitos migrantes, do interior do Piauí e de outras cidades do Nordeste brasileiro, principalmente na primeira metade da década quando já é possível observar as mudanças impostas à capital. O governador Alberto Silva (1971-1975) juntamente com o prefeito Joel Ribeiro traçaram algumas obras de embelezamento. O discurso era que o Piauí ia crescer e tudo deveria começar por Teresina para que os visitantes, políticos, empresários e turistas, construíssem uma bela imagem da capital do desenvolvimento. Dentre as principais destacam-se a reforma do Hotel Piauí, do Palácio de Karnak e da Praça Marechal Deodoro da Fonseca.²

¹ As entrevistas foram realizadas pela mestra em História do Brasil Regianny Lima Monte e por Luana Pacheco Faria de Carvalho formada em Licenciatura plena em História pela UFPI e estão depositadas no Núcleo de História Oral da UFPI que é coordenado pelo prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

² Este momento da escrita fala de algumas construções realizadas pelo poder público e está inserida dentro daquilo que chamo de Cidade Sonhada pelos pobres urbanos. Entretanto, quero ratificar que

Estas obras para embelezar a capital eram de responsabilidade da Coordenação do Desenvolvimento Econômico - CODESE, órgão responsável pela administração estadual que passou a ser a Secretaria de Planejamento - SEPLAN,³ com o auxílio de outros órgãos públicos como Departamento Nacional de Obras Contra as Secas-DNOCS. O financiamento das construções advinha do Banco do Estado do Piauí – BEP onde o governo do estado contava com total apoio orçamentário desse banco e com empréstimos feitos junto ao Banco do Nordeste do Brasil.

Nesse sentido, a capital do Piauí, nesse momento a cidade sonhada, desenvolveu no imaginário coletivo de vários homens e mulheres a perspectiva de melhores condições de vida. Numa entrevista realizada por Regianny Lima Monte com Dona Maria dos Remédios Araújo Silva é possível identificar a vida difícil pra quem morava nas cidades do interior do Piauí e que almejavam chegar à capital com o intuito de trabalhar e melhorar de vida. Ao ser perguntada onde nasceu, Dona Remédios diz “ Eu nasci em, lá na Baixa Grande perto de Novo Nilo, perto dos cafundó do Judas mesmo pra dentro das matas”⁴ e mudou-se para Teresina ao dezessete anos. Quando questionada sobre o motivo que a trouxe a capital a entrevistada responde: “O motivo é que eu cresci e queria andar vestida e minha mãe não tinha condição era pobre então eu tive que vir morar com a minha irmã pra arrumar um emprego por aqui nem que seja numa casa de família.”⁵ Foi na década de 1970, embora não saiba precisar o ano, que a jovem veio em busca de emprego já quem em União não havia possibilidade de crescimento e certa estabilidade econômica.

As entrevistas revelam que a infância sofrida, sem estudo, com muito trabalho na roça e o discurso de que a capital abria portas para trabalho e moradia atraiu essas

foram estes atores sociais que participaram efetivamente das mudanças na capital, na edificação dessas obras. A construção civil absorveu mão de obra ainda nos primeiros anos de 1970. Tratar-se-á da Cidade Construída logo mais a frente, entretanto ressaltarei outras obras, mas que fique sabido que os pobres urbanos trabalharam nessas primeiras construções.

³ A mudança não foi apenas na nomenclatura houve uma mudança estrutural. A Secretaria de Planejamento ficou responsável pela análise financeira das secretarias setoriais.

PIAUI, Governador 1971 – 1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1971.*

⁴ SILVA, Maria dos Remédios Araújo. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte.* Teresina, mar, 2009. Depositada no NHO – Núcleo de História Oral, UFPI

⁵ Idem

pessoas em busca de melhores formas de viver. É possível perceber que o principal foco de emprego para as mulheres recém chegadas era em casa de famílias ricas. Muitas dessas mulheres chegaram aqui ainda meninas e que desde então começaram a trabalhar como passadeiras, cozinheiras, lavadeiras de roupas, mas ainda assim essas meninas-mulheres acreditavam que o trabalho era mais leve que o desenvolvido na roça.

A cidade construída⁶ é percebida quando as pesquisas dão conta de que as construções civis foram edificadas pelos pobres urbanos desde o início da década de 1970, uma mão de obra muitas vezes não qualificada, mas que essa se fazia ao longo do trabalho desenvolvido. Desde a construção de ruas, avenidas, praças, prédios até mesmo a construção de suas próprias casas.

Esta parte da narrativa foca na administração de Dirceu Arcoverde e Wall Ferraz, governador e prefeito respectivamente, na segunda metade da década de 1970. As pesquisas pautadas na análise do jornal O Dia, que era de circulação diária, e nas Mensagens Oficiais revelam que as construções públicas se voltaram especialmente para a abertura de ruas e avenidas com o objetivo de fazer interligações entre os bairros que estavam crescendo fora dos limites do centro. O Relatório da prefeitura municipal de Teresina sob a administração do prefeito Wall Ferraz de 1976 afirma que “fixamos, de imediato, na conclusão do anel viário básico e em dotar os bairros de Teresina de vias secundárias de acesso.”⁷

O sistema viário foi uma das maiores preocupações do município no período e o investimento real nessa esfera de necessidade pública procedia de fundos municipais e estaduais. No ano de 1976, o Relatório da prefeitura municipal de Teresina diz que

Foram construídas as Avenidas Duque de Caxias, entre a Rua União e Alameda Parnaíba; Governador Pedro Freitas, entre as avenidas Walter Alencar e Gil Martins; Gil Martins entre as avenidas Barão de Castelo Branco e Odilon Araújo e esta entre as avenidas Gil Martins e Barão de Castelo Branco numa extensão total de 7.260,00 km.⁸

⁶ Vale ressaltar que os pobres urbanos trabalharam nas construções civis desde o começo da década de 1970. Destaco ao longo do presente artigo as obras de embelezamento da cidade, as construções de ruas, avenidas e conjuntos habitacionais.

⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. Mensagem dirigida à Câmara Municipal pelo Prefeito Wall Ferraz. Teresina. 1976.

⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. Mensagem dirigida à Câmara Municipal pelo Prefeito Wall Ferraz. Teresina. 1976.

Estas vias eram de fundamental importância para desafogar o trânsito e criar vias de acesso a zonas distantes como é o caso da Avenida Duque de Caxias, na zona norte da cidade, que ligava a Rua União a Alameda Parnaíba, esta se localizava mais próxima ao centro. A nova Avenida dava acesso a bairros como Buenos Aires e Itaperu como também facilitava o acesso ao Hospital da Primavera.

No entanto, as obras não se resumiram a abertura de ruas e avenidas. Em 1975, já na administração de Wall Ferraz, concluiu-se a reforma do Teatro 4 de Setembro e inicia-se a construção do prédio do Centro de Convenções como também a ampliação do prédio da Assembleia Legislativa estadual e a construção da praça da Costa e Silva.⁹ A parceria entre prefeitura e estado também se estendeu para estas obras como foi o caso da restauração da Praça Pedro II, a conhecida Praça do Teatro 4 de Setembro, “o aspecto paisagístico de Teresina foi melhorado com a reforma da Praça Pedro II, tradicional logradouro localizado em seu centro comercial.”¹⁰

Quanto ao cotidiano tomando por base a entrevista realizada com Seu Durval, que trabalhou na construção civil, revela a vida corrida, de luta que fazia a cidade se desenvolver.

a gente trabalhava muito e essas construção não tinham regulamento de horário de serviço, a gente entrava sete horas, a gente saia onze e meia, quando era uma hora voltava, tinha um negócio, quando era uns concretos tinha hora extra, que nós trabalhava até onze horas da noite, não tinha regulamento né, não tinha muito tempo por causa dessas construções¹¹

Seu Durval diz que muitas vezes os trabalhadores não tinham horário fixo, as jornadas de trabalho eram maiores que o normal isso porque era preciso ter todo um cuidado com o material com que se estava trabalhando e também porque eram muitas obras pra serem entregues em tempo hábil. O entrevistado conta que começou a trabalhar como servente de pedreiro assim que chegou na capital, no ano de 1977, foi

⁹ O Dia, Teresina, Ano XXV, nº 4.380. 9 de jan, 1976. p. 4

¹⁰ PIAUÍ, Governador 1975 – 1979 (Dirceu Mendes Arcoverde). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1975*.

¹¹ SILVA, Durval Venâncio. Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte. Teresina, mar. 2009

contratado por uma construtora chamada Lorival Sales Parente. Enquanto ele ainda morava no interior o seu trabalho era na roça, logo, não tinha experiência com construção civil, mas que logo conseguiu esse emprego.

Pode-se concluir que Teresina ofereceu uma gama de empregos na construção civil visto que a cidade se transformou num “canteiro de obras” ao longo de 10 anos de modernização. Assim, homens pobres, sem estudo e sem experiência profissional puderam se inserir no campo de trabalho edificando obras que modificaram o cenário urbano da capital. Obras que tiveram um financiamento do estado e da prefeitura e eram pautadas na visão elitista de (re) organizar o espaço. Nesse sentido, ao passo que os pobres iam construindo novos prédios, casas, praças e ruas para as elites as suas próprias casas iam sendo jogadas cada vez mais longe dos olhares disciplinadores que recaiam sobre as áreas centrais de Teresina.

A cidade vivida recai exatamente sobre a periferia da capital.

Em razão do êxodo rural crescente, surgem problemas que dizem respeito à urbanização em seu aspecto físico e de acesso ao uso do solo urbano, quanto à ‘mudança social’ de vastos grupos populacionais profissionalmente não qualificados, em ordem a tornar não somente o aspecto físico da habitação, mas a própria comunidade onde aqueles grupos passarão a residir.¹²

6

O exorbitante crescimento populacional na década de 1970 agravou as dificuldades infraestruturais da cidade. Os problemas de fornecimento de água potável, de distribuição de luz elétrica bem como a construção de moradias em quantidade suficiente que conseguisse suprir as necessidades de tantos pobres urbanos.

O deslocamento para as favelas não foi algo exclusivo dos migrantes. Os pobres que já moravam no centro também tiveram suas casas derrubadas em prol do progresso e se alojaram na periferia. Nos jornais da época quase que diariamente apareciam matérias relacionadas a aberturas de novas favelas na capital. Esses lugares não tinham a menor estrutura para abrigar tantas famílias, as casas eram construídas muito próximas umas das outras, simples e de palha o que provocava medo na população marginalizada porque eram casebres inseguros, geralmente com dois

¹² PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. Mensagem dirigida à Câmara Municipal pelo Prefeito Wall Ferraz. Teresina. 1976.

cômodos e com uma grande quantidade de pessoas morando no mesmo espaço físico. Saneamento não existia, nem água, nem saúde, nem luz, ou seja, as famílias eram simplesmente jogadas para áreas distantes do centro e não recebiam nenhuma assistência.

O Sr. Manoel Craveiro – 38 anos, casado, oito filhos, pedreiro – declarou ontem que sua família vê o tempo ‘se anuviar’ e estremece de medo. ‘Isso acontece com todo mundo desde a última que deu uma ventania tão danada, acompanhada de uma chuva forte que parecia gelo, que derrubou até o muro da fábrica da Coca-Cola’. Afirmou. – Depois que tudo passa a gente é quem toma prejuízo: tem que consertar casa, telhado, cobertura, parede, levantar porque o vento destrói tudo.¹³

No período de chuva o medo dos moradores dessas favelas se agravava por tão frágeis que eram essas casas. As casas simples, sem conforto, ou melhor, sem condições básicas para que uma família morasse atormentavam a vida dos moradores. As chuvas promoviam verdadeiros arrastões nos casebres e muitos iam ao chão. As famílias que já não tinham boas condições financeiras se desesperavam cada vez que viam suas casas derrubadas pelas fortes chuvas.

Novo problema social foi criado ontem no bairro Lucaia, onde quatro casas de palha foram destruídas por um incêndio, deixando seus quatro proprietários em estado de choque e desabrigados, com as mulheres e filhos, tendo ameaçado mais meio centena de moradias. O corpo de bombeiros isolou a área e impediu que as chamas se propagassem para as residências vizinhas. Na semana passada outro incêndio acabou com seis casebres e seus donos ainda estão na rua [...]

¹⁴

Os incêndios também eram uma realidade para essas famílias, já que freqüentemente várias casas pegavam fogo na estação seca e de altas temperaturas do ano. As casas eram construídas muito próximas umas das outras, e de palha, fato que costumavam irradiar mais facilmente o fogo. Nesses casos, os próprios moradores se reuniam para apagar as chamas antes que atingissem a maioria das casas daquela favela. O fato dos incêndios se registra desde meados da década de 1940, incêndios criminosos ou não, porque nunca se conseguiu provar nada, foi realidade do espaço físico de

¹³ O Dia, Teresina, Ano XXIII, Nº 4104 11 de jan, 1975. p.9

¹⁴ O Dia, Teresina, Ano XXIII, Nº 4.034. 16 de out, 1974.

Teresina por muito tempo.¹⁵ Deste modo, percebe-se que os pobres urbanos viviam em constante estado de alerta, fosse período chuvoso ou de seca, visto que os dois momentos ofereciam perigo.

Diante o crescimento desenfreado das favelas e com o inchaço populacional no tecido urbano, o governo passou a construir muitos conjuntos habitacionais. A preocupação primeira era retirar da parte visível da urbe os casebres de taipa e as pessoas que moravam em zona de risco sejam pela abertura de ruas e avenidas, seja pela proximidade aos rios. Logo, Os núcleos habitacionais eram edificadas a preços populares para que as famílias pudessem adquirir suas casas e o governo em aliança com o município fosse capaz de construir mais moradias com poucos recursos e espaço de tempo menor. Os conjuntos mais populosos e que mais cresciam a cada ano eram o Buenos Aires, São Pedro, Itararé, Parque Piauí e Sacy.

A Mensagem a Assembleia de Legislativa de 1977 que se refere aos feitos do ano de 1976 descreve a construção e a reestruturação de alguns conjuntos habitacionais como descrito abaixo:

- Construção do conjunto habitacional Bela Vista com 912 unidades, ocupando 40 hectares de terreno. Foi inaugurado em novembro de 1976 [...]
- Conjunto habitacional São Pedro com 66 unidades, ocupando 1,89 hectares de terreno. A obra inaugurada em novembro de 1976 [...]
- Início da construção do conjunto Itararé. Em sua primeira etapa constituir-se-á de 940 unidades ocupando uma área de 40 hectares [...]
- Início das obras de ampliação do Parque Piauí, com 500 unidades, ocupando 18 hectares.

Indubitavelmente o cenário urbano periférico estava em construção e transformação. Muitas terras vazias foram habitadas, grandes hectares de terra foram destinados a edificação dos conjuntos. No entanto, a referida mensagem oficial do governo não destaca em que condições os contemplados com as novas casas terão que viver. A mensagem não faz referencia a água, luz e saneamento básico. Ora, a intenção era alojar as famílias para que o número de favelas e o desenvolvimento urbano não crescessem desordenadamente.

¹⁵ NASCIMENTO. Francisco Alcides. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

A dura realidade vivida nas periferias era sentida por vários ângulos. O abastecimento de água era esporádico, os bairros geralmente contavam com um chafariz central e quando este quebrava a população passava vários dias sem água. Todos esses fatores impossibilitavam que os moradores tivessem uma higiene básica diariamente, o que contribuía para a proliferação de doenças.

[...] Saindo do centro da cidade, uma realidade bem diferente daquilo que se vê no centro salta diante dos olhos. Os bairros – grande parte deles- estão em completo abandono. Falta água. Não tem médico. Não existe sistema sanitário. Mas mesmo assim alguns moradores encontram momentos para fazer humor. E afirmam: “parece que esqueceram da gente”. Apesar das afirmações de médicos, que vêem na baixa vida higiênica o principal foco de doenças contagiosas, os moradores de vários bairros de Teresina às vezes passam até uma semana inteira sem tomar banho, falta água.¹⁶

A reportagem acima reforça a fala dos entrevistados ao exporem as dificuldades vivenciadas no dia a dia dos bairros de periferia. Com a falta de água as pessoas não tinham como manter a higiene, cada casa fazia seu próprio sistema sanitário de forma muito precária assim as doenças acometiam essa parte da população que nem ao menos contava com um sistema de saúde.

A cidade crescia e crescia também o número de habitantes bem como os problemas estruturais. Os pobres urbanos viram, sentiram e experienciaram de uma forma diferenciada o tão esperado progresso da capital. As dificuldades foram inúmeras porém o importante é pensar que essas pessoas participaram diretamente do processo de modernização que se debruçou sobre a urbe nos anos de 1970.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

CALVINO, Ítalo. *As cidades e o desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUBY, Georges. GEREMEK, Bronislaw. *Paixões comuns*, conversas com Philippe Sainteny. Lisboa: Asa, 1993.

¹⁶ O Dia, Teresina, Ano XXIII, Nº 3.975, 6 de ago, 1974. .

LIMA, Antônia Jesuíta. *Gestão urbana e políticas de habitação social: Análise de uma experiência de urbanização de favelas*. São Paulo: Annablume. 2010

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

NASCIMENTO Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e Cristalina: as transformações espaciais vista pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970 In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.27, nº53, p.195-214, 2007.

MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (re) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. [Dissertação]. Teresina: Universidade Federal do Piauí, abril de 2010.

NORRA, Pierre. Entre memória e historia: a problemática dos lugares In: *Projeto História: Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento da PUC-SP*. São Paulo: EDUC, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias In: *Revista brasileira de História*. v. 27, nº53. São Paulo, jan-jun: 2007. p. 11-23.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) Encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

THOMPSON, Paul. A memória e o eu In: *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra. 1992

Fontes Hemerográficas

Jornal Correio do Povo (1973 – 1975)

Jornal O DIA (1970 – 1979)

Jornal O Estado (1970 – 1975)

Jornal Estado do Piauí (1970 – 1974)

Jornal A Hora (1970 -1975)

Jornal do Piauí (1971 – 1975)

Fontes Oficiais

PIAUI, Governador 1971 – 1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em Teresina, 1971 - 1974.*

PIAUI, Governador 1975 – 1979 (Dirceu Mendes Arcoverde). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em Teresina, 1975-1979.*

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. *Mensagem dirigida à Câmara Municipal pelo Prefeito Joel da Silva Ribeiro.* Teresina. 1971/1974 e 1976

Depoimentos

RIOS, Maria do Livramento Rodrigues. *Depoimento concedido a Regianny Lima Monte e Laécio Barros Dias.* Teresina, jun de 2006. Depositada no NHO – Núcleo de História Oral, UFPI

RODRIGUES, Raimundo da Silva. *Depoimento concedido a e Regianny Lima Monte.* Teresina, mar de 2009. Depositada no NHO – Núcleo de História Oral, UFPI

SANTOS, Teresa Maria de Jesus. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte.* Teresina, mar de 2009. Depositada no NHO – Núcleo de História Oral, UFPI

SILVA, Durval Venâncio. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte.* Teresina, mar. 2009

SILVA, Maria dos Remédios Araújo. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte.* Teresina, mar, 2009. Depositada no NHO – Núcleo de História Oral, UFPI

VIANA, Maria de Jesus Santos. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte.* Teresina, mar. 2009. Depositada no NHO – Núcleo de História Oral, UFPI.